

A FORMAÇÃO E A PRÁTICA VIVENCIADA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DIANTE DA INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NA ESCOLA COMUM

Atos Prinz Falkenbach

Doutor em Ciências do Movimento Humano,
Coordenador do Curso de Educação Física/UNIVATES,
Professor do Curso de Educação Física do Centro Universitário Metodista - IPA.

Gisele Battistelli

Professora de Educação Física – Centro Universitário Metodista IPA

Juliana Medeiros

Bolsista de iniciação científica; Acadêmica do Curso de Educação Física – IPA.

Amanda Apellaniz

Bolsista de iniciação científica; Acadêmica do Curso de Educação Física – IPA.

RESUMO

O presente estudo investigou as compreensões acerca da inclusão no discurso dos professores de educação física na escola comum. De corte qualitativo fez uso de entrevistas semi-estruturadas com professores das escolas estaduais e municipais de Porto Alegre que ministram aulas para turmas que incluem alunos com necessidades especiais. A coleta de informações desnudou duas categorias: a formação dos professores e a vivência dos professores na prática de inclusão. Diante das fragilidades expressadas pelos professores há necessidade da área da educação física fortalecer conhecimentos para o exercício da inclusão na escola.

ABSTRACT

The present study has investigated the comprehensions concerning the inclusion in the physical education teacher's speech at the normal school. Of qualitative cut, it has made use of semi-structured interviews with teachers of state and municipal schools of Porto Alegre who administer class for groups that include students with special needs. The survey showed two category: the teacher's training e the teacher's experience in the inclusion practice. In face of the fragilities were expressed by the teachers, there is a necessity of the field of physical education to strengthen knowlegdes for the exercise of the inclusion at school.

RESUMEN

El presente estudio ha investigado las comprensiones acerca de la inclusión en los discursos de los profesores de educación física en la escuela normal. De corte qualitativo, se hizo uso de entrevistas semi-estructuradas con profesores de las escuelas municipales e estatales de Porto Alegre que suministran clases que incluyen alumnos con necesidades especiales. La encuesta reveló dos categorías: la formación de profesores y la vivencia de profesores en la práctica de inclusión. Delante las debilidades expresadas por los profesores, hay la necesidad en el campo de la educación física fortalecer conocimientos para el ejercicio de la inclusión en la escuela.

O presente estudo surge das motivações em estudar a prática educativa desempenhada pelos professores da escola comum diante da temática da inclusão. Apesar da Organização das Nações Unidas – ONU – declarar em 1948 a necessidade da escola comum prover a inclusão, manutenção e educação de todas as crianças sem qualquer distinção, inclusive aquelas com deficiências severas, é perceptível que o fenômeno ainda encontra resistências e dificuldades na escola comum (Kassar, 2004).

Foi diante desse paradoxo, pelo menos, quando se trata de uma linha de tempo que avança para quase meio século, que o estudo organizou suas motivações iniciais. O objetivo do estudo foi investigar as compreensões acerca da inclusão na escola no discurso dos professores de educação física que vivenciam essa realidade em suas aulas na escola comum.

Com a finalidade de apresentar um estudo que pretende avançar com reflexões acerca do tema, pudemos perceber como se relaciona com a questão da formação e da prática que os professores vivenciam com a inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais na escola comum. Também torna-se necessário fundamentar a terminologia utilizada quando se fala das crianças com necessidades educacionais especiais, apesar das crianças não se constituírem o foco do estudo, mas sim os professores.

Crianças com necessidades educacionais especiais é o termo utilizado neste artigo seguindo as orientações da Declaração de Salamanca (1994), favorecendo uma terminologia que possa abranger o leque de necessidades especiais sem delimitar em uma ou outra. O referencial teórico do presente artigo apresenta algumas considerações que abordam os aspectos básicos da formação do professor e a relação com a inclusão, também o que a literatura aborda sobre a atual compreensão dos professores das escolas comuns em relação à inclusão.

PROBLEMAS DA FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES E DA RELAÇÃO DO PROFESSOR/CRIANÇAS

A problemática na formação dos professores é um tema presente quanto se trata da inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais na escola comum. Uma vez que o senso comum é de opinião de que o professor deve deter a responsabilidade em determinar os processos pedagógicos e os esquemas de aprendizagens para a totalidade dos alunos na classe comum, podemos começar a considerar a incumbência que o sobrecarrega nessa atividade.

Apesar da educação inclusiva propor uma tentativa de realidade ideal para a formação do indivíduo como membro da sociedade e capaz de viver produtivamente, com oportunidades equitativas, serviços educacionais eficazes, auxílio, apoio, classes adequadas, dentro do ambiente escolar são diversas as indagações que, se de um lado parecem ser fáceis de responder, de outro dificultam o manejo ou adequação e implicação na prática pedagógica.

Assim, qual a prática de educação que pode se aproximar em proporcionar atenção adequada às necessidades de crianças com necessidades educacionais especiais? Como seria a melhor organização da aula? Como propiciar o desenvolvimento das crianças? Como responder e manejar inesperadas situações e solicitações das crianças? Que conhecimentos buscam para atualizar-se? Qual a relação com a família das crianças?

Os estudos de Aguiar e Duarte (2005) demonstram claramente a dimensão da problemática da formação no campo da educação física quando se trata da inclusão na escola comum. Os autores realizaram um estudo em que entrevistaram 67 profissionais

dentre os quais 97% indicaram ser importante a participação de alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas de educação física regular, porém ficou evidenciado que quase totalidade dos professores entrevistados diziam não possuírem conhecimentos para o processo pedagógico de inclusão na escola comum.

Os estudos de Gorgatti et al (2004) avaliaram as atitudes dos professores de educação física da escola comum diante da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas. Dentre 10 professores entrevistados os resultados indicaram que metade dos professores acreditam que seus conhecimentos para lidar com o tema são insuficientes e que também não gostam ou não gostariam de trabalhar com proposta de ensino inclusiva. Por outro lado, 90% dos professores expressam acreditar nos benefícios da proposta inclusiva, entretanto também 90% julgam que suas escolas não estão preparadas trabalhar com a inclusão.

Tavares e Krug (2003) relatam a preocupação de acadêmicos do curso de educação física sobre a sua formação para atuar com alunos com necessidades educacionais especiais. A evidência presente na problemática sobre a formação dos professores na educação inclusiva coloca em primeiro plano a necessidade da formação do professor.

Beyer (2003) realizou um estudo que abarcou o universo de três escolas (estadual, municipal, e particular) e cujos projetos pedagógicos apontavam para uma ação inclusiva eficiente. Nos discursos os professores entrevistados, foram encontrados aspectos para um processo positivo de inclusão escolar: adaptação das escolas e preparo dos professores; participação da comunidade escolar e conscientização do projeto de inclusão; apoio da equipe pedagógica e composição favorável da infra-estrutura escolar; rede de apoio, que inclui também os especialistas; intercâmbio constante entre os professores.

Ortiz (2003) realizou um estudo em que os professores passaram por uma capacitação com reflexões sobre suas práticas cotidianas aliadas aos referenciais e orientações teóricas. O estudo evidenciou mudanças significativas de comportamento de atitudes com relação aos alunos com necessidades educacionais especiais.

No universo e na complexidade das dificuldades da inclusão a precária formação dos professores é evidente. Esta intervenção pedagógica limitada é frágil, baseadas no bom senso e longe de qualquer caráter científico. O processo de sucesso na inclusão tem como um de seus alicerces a capacitação e formação dos professores. Um avanço na inclusão será quando a escola comum puder oferecer professores aptos à acompanhar, interferir e proporcionar ferramentas que favoreçam o aprendizado respeitando cada indivíduo no grupo, em suas riquezas e limitações.

É comum que os professores apresentem resistências sobre a entrada de alunos diferentes na escola, pelo fato que pode gerar medo e insegurança. Lidar com um aluno com necessidades educacionais especiais ainda é visto de duas formas: ou ele é encaminhado para uma escola especial, ou se traz profissionais especializados para trabalhar com o aluno na escola comum, isso ocorre devido ao desconhecimento dos professores.

Cardoso (2004) explica que uma das reações mais comuns do professor é afirmar que não está preparado para enfrentar as diferenças dentro da sala de aula. Fator que pode ser explicado pela insegurança e pelo medo de enfrentar o novo e/ou pela falta de formação profissional para atuar nesta situação.

Pensar na formação dos professores é um modo de começar as mudanças na qualidade de ensino visando criar contextos educacionais inclusivos, capazes de proporcionar a aprendizagem a todos os alunos, respeitando todos os ritmos, tempos e superando barreiras independente de qualquer condição.

A aula inclusiva visa responder a diversidade de estilos de aprendizagem na sala de aula. A ação de desenvolvimento e aperfeiçoamento de práticas de ensino e de

aprendizagem de professores para a inclusão deve ajudá-los a refletir sobre formas de planejamentos de diversas atividades voltadas para as necessidades individuais.

METODOLOGIA DO ESTUDO

O estudo realizado investigou as compreensões acerca da inclusão na escola no discurso dos professores de educação física da escola comum. O estudo de natureza hermenêutica se ajusta às características do modelo qualitativo de investigação. Trata-se das descrições e as interpretações das falas dos professores participantes da pesquisa.

Tomando como base os estudos de Gómez, Flores e Jiménez (1996) que assinalam a necessidade de critérios na elegibilidade dos contextos e participantes em estudos qualitativos, podemos destacar que as escolhas dos professores e das escolas precisaram estar em acordo com alguns critérios que foram:

- a) possuir a disciplina de educação física ministrada com regularidade de, pelo menos duas vezes por semana;
- b) possuir professor com a devida habilitação para essa finalidade e que está presente como professor ministrante das aulas de educação física na escola;
- c) a presença de, pelo menos, uma criança com necessidades especiais¹ regularmente matriculada na turma e que participa das aulas da disciplina de educação física.

A coleta de informações se desenvolveu nas escolas municipais e estaduais da cidade de Porto Alegre com ajuda das informações obtidas pelas Secretarias de Educação para a rede de ensino municipal e a Coordenadoria de Educação para a rede de ensino estadual, bem como pela visita pessoal às escolas que se fizerem necessárias.

Os participantes do estudo foram os professores de educação física das escolas estaduais e municipais que ministram aulas para turmas em que há a inclusão de alunos com necessidades especiais. Foram realizadas 14 entrevistas com os professores estaduais e 8 entrevistas com os professores municipais.

O procedimento de triangulação proposto por Triviños (1995) com o uso de entrevistas semi-estruturadas, permitiu destacar duas grandes categorias de análise a partir da fala dos professores sobre suas compreensões acerca da inclusão de alunos com necessidades educacionais nas aulas de educação física da escola comum que são: a) a formação dos professores e; b) a vivência dos professores com a prática educativa da inclusão.

A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O desenvolvimento das entrevistas permitiu compreender que os professores de educação física percebem fragilidades em sua formação inicial e continuada. É fato constatar que os projetos pedagógicos dos cursos de formação dos professores de educação física apresentam pouco conteúdo quando o tema é inclusão na rede escolar de ensino. É comum perceber que o currículo de formação apresenta, com frequência, uma disciplina que vai tratar deste tema. Assim o futuro professor de educação física é pouco confrontado com estudos nessa linha. Para piorar a realidade já difícil, também podemos inferir que os professores formadores, no nível superior, não possuem contato com essa realidade, aspecto que acaba distanciando ainda mais as discussões acadêmicas sobre o fenômeno.

A partir dessa realidade difícil sobre o tema da inclusão na formação inicial, podemos perceber o quanto ela reflete nas palavras dos professores quando se deparam

¹Crianças com necessidades especiais podem ser crianças com deficiências físicas e/ou mentais, bem como necessidades educacionais mediante laudo técnico da orientação ou direção escolar.

com a realidade em suas aulas:

“Pessoalmente eu acho que preciso de preparação, sinto que fui colocado numa situação que não estou preparado. É claro que tento buscar em livros informações que me ajudem, mas o que seria necessário é uma preparação profissional adequada, um treinamento completo” (ENTREVISTA 01, ESCOLA “A” ESTADUAL).

“Acho que precisaria de mais aprofundamento sobre esse assunto da inclusão na faculdade, também acho que dentro da escola tinha que existir aulas de educação física só para especiais” (ENTREVISTA 04, ESCOLA “B” ESTADUAL).

É comum perceber que quando as circunstâncias são complexas aos professores, pois não condiz com as vivências pedagógicas, em muitos casos, artificiais nos cursos de formação, os professores acabam sugerindo um atendimento especializado para o aluno. Tal fato é normal diante do desconhecimento e da escassa discussão sobre o tema. Assim, o professor acaba esquecendo, ou mesmo desconhecendo, que é dever da escola comum acolher e educar a todos os alunos, bem como buscar as maneiras para realizar essa tarefa (Mantoan, 2006). Não queremos com isso dizer que as coisas são simples, mas sim alertar para a necessidade de uma reforma de pensar essa realidade nas escolas e nos cursos de formação de professores. Os professores continuam:

“Na faculdade temos apenas teorias sobre deficiências e necessidades especiais. O que precisaríamos é um trabalho conjunto ou um auxiliar especializado no trabalho com os alunos, já que o treinamento adequado não é dado aos professores” (ENTREVISTA 10, ESCOLA “E” ESTADUAL).

Outros professores conseguem perceber a necessidade de ajuda e de formação continuada para esse tema. É como destacam:

“Não que o professor não tenha capacidade, não é isso, é que precisamos de um ajudante, um orientador especializado em tratamento com especiais. Os professores não estão preparados porque não entendem do assunto profundamente, apenas superficialmente. Trabalhamos sempre por nós mesmos, pois se não for dessa maneira não será nada. Então é uma situação angustiante” (ENTREVISTA 07, ESCOLA “D” ESTADUAL).

“Me sinto muito frustrada, pois quero fazer mais por ela. Muito dessa frustração vem da minha falta de especialização nessa área e muito mais da falta de compromisso da SEC em criar estratégias e capacitações para professores. Apenas dessa forma a inclusão pode acontecer mesmo. Faço o melhor de mim, mas nem sempre sei se o que faço é o melhor para ela” (ENTREVISTA 07, ESCOLA “D” ESTADUAL).

Há um sentimento de isolamento dos professores em sua prática educativa. Foi frequente escutar dos professores o quanto necessitam de apoio e de discussões sobre o tema. Há a necessidade de uma reforma coletiva de pensamento na escola e na sociedade como explica Mantoan (2006). Essa reforma significa uma articulação de apoio mútuo em que o auxílio e a compreensão por intermédio de estudos em conjunto e de organização da escola diante da nova realidade, visto que a formação inicial historicamente mostrou-se frágil nessa área. Caso a escola continuar insistindo em um modelo individualista de pensar, a segregação e o isolamento dos professores debilita qualquer tentativa de inclusão.

A questão da formação acaba repercutindo nos sentimentos dos professores quando se deparam com a realidade da inclusão na escola. Os professores relatam:

“Minha aluna com síndrome de Down estuda na 1º série com alunos de 7 a 8 anos. Eu não trato ela diferente dos outros, chamo a atenção de todos. Quero que ela divirta-se, que tenha interação com os materiais da aula e com os colegas. Estou me esforçando para que todos sejam valorizados pelo que são e pelo que são capazes de ser” (ENTREVISTA L – ESTADUAL).

“O fato de não conseguir incluir por completo a criança em todas as atividades da

aula me faz sentir-me mal. Não consigo incluir muito bem este meu aluno, pois acho que se incluir ele vou estar excluindo os outros, me sinto muito sozinha nesta situação, gostaria que outro profissional desta área pudesse me auxiliar na aula” (ENTREVISTA A – MUNICIPAL).

“Sinto muita insegurança, pois a minha formação não me proporcionou embasamento para essa relação. Mas na medida do possível eu tento ajudar na união do grupo. Nunca tivemos qualquer discriminação com relação ao aluno. Ele sempre foi bem aceito em todas as atividades” (ENTREVISTA F – MUNICIPAL).

Os sentimentos dos professores são diversos, vão desde uma satisfação plena até um desgaste emocional sobre uma possível ação pedagógica inadequada. É importante compreender que o sentimento de satisfação advém de uma experiência de superação, como uma vitória, o contrário também se aproxima dos sentimentos de derrota, mas sempre são sentimentos individuais, que não encontram apoio no coletivo da escola. Nesse caso ou os professores são considerados heróis pelas suas superações ou resistentes quando não conseguem êxito. A escola, as secretarias os cursos de formação de professores poderiam criar momentos em que os professores poderiam trocar experiências, falar sobre suas necessidades e refletir possibilidades são fundamentais na ação de incluir.

A VIVÊNCIA DOS PROFESSORES COM A PRÁTICA EDUCATIVA DA INCLUSÃO

A segunda categoria derivada da coleta de informações realizada com os professores aborda a vivência dos professores com a prática educativa da inclusão e apresenta as seguintes unidades de análise: a) intervenção na forma de modificação da aula e; b) a relação com o aluno com necessidades educacionais especiais.

A questão da inclusão para os professores de educação física é ao mesmo tempo rica e desafiadora. Os professores entrevistados são unânimes em suas preocupações pedagógicas com a finalidade de conseguir proceder a inclusão de seus alunos e oportunizar as vivências para todo o grupo. Porém o processo dessa vivência docente apresenta inúmeros aspectos pedagógicos e relacionais inusitados aos professores, é como eles destacam:

“O que pode acontecer é algum tipo de desentendimento na explicação da atividade. Já ocorreu no início das aulas. Daí tenho que parar a atividade e explicar novamente, se ainda restar dúvidas eu explico novamente para ela ou respondo suas dúvidas” (ENTREVISTA L – ESTADUAL).

“Percebo muitas situações que não consigo organizar para incluir, mas tento adaptar um pouco para que ele possa participar das atividades. Tento com que ele sempre participe das atividades, mas percebo as dificuldades que existem” (ENTREVISTA A – MUNICIPAL)

Os professores também destacam experiências de êxito e de satisfação que sentem ao possibilitar vivências em que os alunos possam participar no grupo. Os professores entrevistados destacam:

“Ele adora participar, gosta muito de futebol, as vezes ele joga no gol, tiro ele da cadeira de rodas e ponho sentado no gol, ele fica muito contente e os outros alunos jogam bem devagar para ele poder pegar e não se machucar” (ENTREVISTA A – MUNICIPAL).

“Tento planejar atividades nas quais eu possa incluir ela que tem muitos problemas motores, faço atividades que possa participar, por isso acho que a expressão corporal e a dança deixam as crianças mais a vontade, pois cada um faz o que o seu corpo permitir, sem haver exposição de ninguém” (ENTREVISTA E – MUNICIPAL).

O exercício de inclusão é uma ação inovadora aos professores que fazem uso de experimentos empíricos para conseguir desempenhar suas aulas com a participação coletiva. Reconhecemos que esse exercício não é fácil devido a inúmeros elementos, entre eles podemos destacar a frágil formação inicial com escassez de discussões nessa área e também o isolamento dos professores na escola que se satisfaz com a matrícula dos alunos e esquece as estratégias coletivas de sua manutenção e progressão na escola.

Outra unidade de análise na categoria que trata da vivência dos professores com a inclusão nas aulas de educação física é a relação dos professores com os alunos com necessidades educacionais especiais. Os estudos que realizamos acerca das práticas relacionais com crianças com necessidades especiais destacam que o professor é o principal instrumento pedagógico e que o modo como interage e intervém repercute na educação do grupo das crianças (Falkenbach, 2005).

Os professores entrevistados destacam que, apesar das dificuldades pedagógicas com a inclusão, há um positivo relacionamento com o aluno com necessidades educacionais especiais. Os professores relatam:

“(...) um dia que eu faltei à aula, ele não quis participar com outra professora e no dia seguinte quando voltei para a escola, ele me recebeu com uma mordida no braço. Entendi que não foi para me machucar e sim para mostrar que eu tinha ferido ele por não ter ido à aula anterior, levei numa boa, pois já estava bem apegada a ele” (ENTREVISTA V - ESTADUAL)

“Sinto-me envolvida e ansiosa, a aluna passa a ser a minha principal preocupação da aula. Dedico-me para fazer com que ela participe, que eu possa fazer de alguma maneira que esteja inserida no grupo e para que obtenha alguma superação de si própria” (ENTREVISTA 10, ESCOLA “E” ESTADUAL).

“Tive alunos com síndrome de Down, autistas e com hiperatividade. Tive mais dificuldade com o autista, ele ficava numa posição de perna de índio e ficava batendo um pote no chão. Para poder ter o nosso primeiro contato tive que bater o pote junto. Ele não largava o pote para nada e se tentassem tirar, ele ficava muito bravo, foi muito difícil lidar com ele” (ENTREVISTA V – ESTADUAL).

Os professores são desafiados em suas práticas educativas diárias. Desempenham relações com os alunos no sentido de favorecer a melhor experiência possível. São aprendizes em conjunto com seus alunos, tornam-se professores mais sensíveis e compreensivos das capacidades e limitações de um trabalho de inclusão.

Novamente os estudos de Mantoan (2006) esclarecem que as relações dos professores não podem permanecer no isolamento das experiências desenvolvidas nas aulas, mas que precisam ser ouvidas e articuladas no coletivo da escola, como uma forma de atenuar as dúvidas e as ansiedades dos professores que acabam por prejudicar uma relação saudável com os alunos nas aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um estudo que investigou as compreensões dos professores de educação física acerca da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais foram expressivos os retornos das narrativas dos participantes da investigação em que resultou nas categorias da formação dos professores e as vivências dos professores com os alunos em suas aulas.

Quanto à categoria da formação dos professores pudemos compreender que:

- os professores consideram a inclusão como um grande desafio pessoal e pedagógico que realizam em suas aulas;
- avaliam fragilidades sobre o conteúdo da inclusão em sua formação inicial e também continuada;

- apesar de expressarem satisfação em estarem aprendendo sobre a inclusão é frequente as manifestações de dúvidas e de inseguranças para atuar com alunos com necessidades educacionais especiais;
- atuam de forma isolada em suas aulas e com raras trocas de experiências ou apoio de colegas e da escola.

Quanto à categoria das vivências pedagógicas dos professores com alunos com necessidades educacionais especiais nas aulas de educação física, pudemos destacar que:

- os professores optam por experimentos pedagógicos pessoais, assistemáticos e com avaliação imprecisa das repercussões das atividades na formação do aluno e do grupo;
- desenvolvem tentativas pedagógicas de inclusão, mas há imprecisão e dificuldades na realização;
- há expressivo contentamento dos professores quando ocorrem experiências pedagógicas em que conseguem a participação de todos nas atividades;
- os professores manifestam sentimentos de carinho e de perplexidade na relação com os alunos com necessidades educacionais especiais;
- expressam constante preocupação com o desenvolvimento de suas aulas e com a participação dos alunos com necessidades educacionais especiais.

Finalmente podemos compreender que o fenômeno da inclusão já possui um bom desenvolvimento de documentos oficiais e de conteúdos teóricos acerca do seu exercício nas escolas, mas é evidente a falta de investimentos mais sólidos em seu exercício de cotidiano, tanto na formação dos novos professores como na ação pedagógica exercida nas escolas.

A educação física como área de conhecimento possui fragilidades em seus estudos e produção na área, mesmo os documentos do Ministério da Educação e da Cultura apresentam poucos conteúdos e orientações para a área. Sabemos que o histórico da formação dos professores de educação física foi evidentemente técnico e pouco pedagógico, assim é patente a necessidade da área da educação física em estudar, pesquisar e fortalecer seus conhecimentos para o exercício da inclusão na escola.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. S. DUARTE, É. Educação inclusiva: um estudo na área da educação física. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v. 11, n. 2, p.223-240, jul. 2005.
- BEYER, H. O. et al. A Educação inclusiva: incompletudes escolares e perspectivas de ação. **Cadernos de Educação Especial**, Santa Maria, n. 22, p.33-44, 2003.
- BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educacionais especiais**. Brasília, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.
- CARDOSO, M. Aspectos históricos da educação especial: Da exclusão á inclusão - Uma longa caminhada. STÖBAUS, K. MOSQUERA, J. M. **Educação especial**: em direção á educação inclusiva. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004.
- CORREA, R. Forma - ação de professores. GUIMARÃES, T. **Educação inclusiva**: construindo significados novos para a diversidade. Belo Horizonte, Lições de Minas, 2002.
- FALKENBACH, A. **Crianças com crianças na psicomotricidade relacional**. Lajeado: UNIVATES, 2005.
- GÓMEZ, G. R. FLORES, J. G. e JIMÉNEZ, E. G. **Metodología de la investigación cualitativa**. Archidona: Aljibe, 1996.
- GORGATTI, M. G. et al. Atitudes dos professores de educação física do ensino regular com relação a alunos portadores de deficiência. **Revista Brasileira de Ciência e**

Movimento. Brasília, v. 12, n. 2, p.63-68, jun. 2004.

KASSAR, M. C. M. Matrículas de crianças com necessidades educacionais especiais na rede de ensino regular: do que e de quem se fala? In GÓES, M. C. R. e LAPLANE, A. L. F. **Políticas e práticas de educação inclusiva.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p. 49-68.

MANTOAN, M. T. E. Igualdade e diferença na escola: como andar no fio da navalha. In ARANTES, Valéria Amorim (Org.) **Inclusão escolar: pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2006. pg. 15-30.

ORTIZ, L. G. M. **Capacitando professores de ensino fundamental em serviço para uma educação inclusiva.** 2003. 125 f. Dissertação (Mestrado) - UFSCAR, São Carlos, 2003.

STÓBAUS, K. e MOSQUERA, J. M. In RODRIGUES, D. KREBS, R FREITAS, S. N. (Org.). **Educação inclusiva e necessidades educacionais especiais.** Santa Maria: UFSM, 2005.

TAVARES, J. E. B. KRUG, H. N. Formação do profissional em educação física: um olhar para o processo de inclusão e inserção social. **Cadernos de Educação Especial,** Santa Maria, n. 21, p. 39-51, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1995.

Endereço:

Atos Prinz Falkenbach – Rua Rui Barbosa, 167/702 – Lajeado – RS CEP – 95900-000

atos@univates.br